

Letícia Régia Gomes Souza

Caderno de Orientações Pedagógicas:

educando para a
Igualdade de gênero.



Letícia Régia Gomes Souza

Caderno de Orientações Pedagógicas:

educando
para a Igualdade de gênero.



**São Luís
2022**





Reitor da Universidade Federal do Maranhão
Professor Dr. Natalino Salgado Filho

Pró-reitor da Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização (AGEUFMA)
Professor Dr. Fernando Carvalho Silva

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB)
Profª Dra. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes (Coordenadora)
Prof. Dr. Antônio de Assis Cruz Nunes (Vice-Coordenador)

Orientadora da Pesquisa
Profª Drª. Elisângela Santos Amorim

Organização
Letícia Régia Gomes Souza

Colaboradores:
Marcio Azevedo Bandeira
Fabiana Ribeiro Martins
Giordana Lima Teixeira
Késia Raimunda Bezerra Pereira
Luziane Ferreira Costa

Diagramação
Mariceia Ribeiro Lima



São Luís
2022



Sumário

1.	Apresentação	5
2.	Vamos falar sobre a Educação para Igualdade de Gênero?	7
2.1	Para início da conversa, o que é gênero?	7
2.2	Entendendo a história ...	9
2.3	Dados que justificam a luta por igualdade de gênero até os dias de hoje.	14
2.4	Mulheres que fizeram história	17
3.	As vozes dos sujeitos e as relações de gênero no espaço doméstico: o olhar de quem educa crianças.	35
4.	Para pensar a igualdade de gênero na prática educativa: construir o caminho e acertar os passos	46
4.1	Educando o olhar	47
4.2	Educando a fala e a escuta	56
4.3	Educando pelo brincar	66
4.4	Educando por Dinâmicas e interações	70
	Saiba mais	81
	Considerações Finais	83
	Referências	85



Apresentação

A cultura não faz as pessoas, as pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura
Chimamanda Ngozi Adichie

Professoras e Professores,

Este produto educacional foi elaborado com base na pesquisa intitulada “Educação para Igualdade de Gênero: desafios e perspectivas da Ação Docente na UEB Moranguinho”, fruto do Mestrado Profissional em Gestão da Educação Básica (PPGEB) da Universidade Federal do Maranhão UFMA. O Mestrado Profissional do PPGEB/UFMA exige que ao final da pesquisa seja elaborado um produto que possa contribuir significativamente com as práticas educacionais dos/as colaboradore/as da pesquisa, bem como de toda a comunidade escolar.

Este Caderno de Orientações Didáticas tem como finalidade trazer propostas de reflexão e atividades para desenvolver os conteúdos inerentes à Educação para a Igualdade de Gênero de acordo com orientações contidas nos documentos oficiais. Ele está constituído de sugestões metodológicas para a inserção da temática, que com base nas informações adquiridas durante a pesquisa, percebemos a necessidade da oferta de um material que possibilitasse aos/as professores/as o entendimento dos aspectos relevantes as relações de gênero, que não compuseram a matriz de suas formações, inicial e continuada.

Desse modo, apresentamos o Caderno de Orientações Didáticas e esclarecemos que a organização e as atividades propostas foram sugeridas também pelos/as participantes da pesquisa, pois nossa intenção ao pensar o produto, foi que ele partisse dessa construção coletiva, com as vozes e necessidades dos sujeitos envolvidos, para que assim possam promover ações conscientes no trato das relações de gênero.

Nesta perspectiva, este material versará num movimento que favoreça a reflexão e o entendimento sobre Educação para Igualdade de gênero, a partir dos temas: representatividade das mulheres na história, violências e desigualdade de gênero, trabalho Infantil e trará também relatos de experiências de pais e/ou responsáveis dos alunos e alunas da escola campo de pesquisa. As atividades serão direcionadas para professores/as, alunos/as e pais e/ou responsáveis e apresentam-se por meio dos seguintes portadores textuais: vídeos, livros, Literatura infantil e dinâmicas.

Assim, esperamos que este caderno apresente possibilidades para que professores/as, alunos/as, pais e/ou responsáveis percebam, de maneira breve, a relevância da Educação para igualdade de gênero de modo que se interessem em promover discussões no combate as desigualdades de gênero presentes na vida de mulheres, homens, crianças e adolescentes, já será um grande passo no sentido da mudança, especialmente no que tange a uma sociedade mais justa e igualitária.

Letícia Régia Gomes Souza
Mestre - PPGEED - UFMA

2. Vamos Falar sobre a Educação para Igualdade de Gênero?

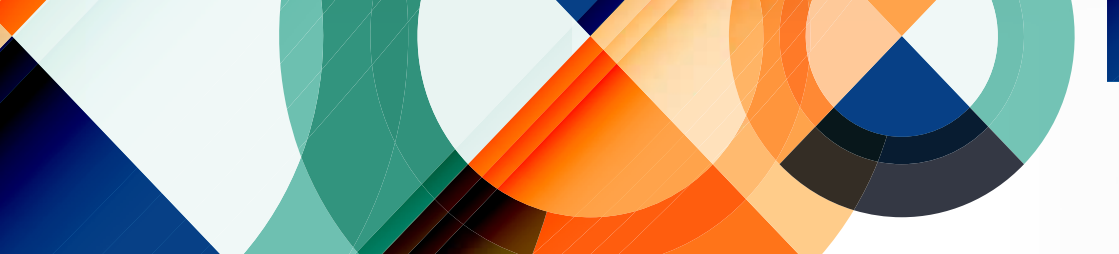
Neste Capítulo, nossa intenção é dialogar brevemente sobre as concepções que orientam o conceito de gênero, pensá-lo a partir de uma historicidade, portanto, dentro de uma contingência temporal, trazendo o momento presente, a partir da realidade desigual que ainda há entre homens e mulheres, em várias áreas da vida social. Mas também, trazemos as marcas legais e institucionalizadas sobre as políticas de gênero que dão visibilidade a esta temática em nosso cenário contemporâneo, no contorno de uma igualdade de gênero.

2.1 Para início da conversa, o que é gênero?

Quando falamos de gênero, nos referimos à maneira como nossas identidades enquanto mulheres e homens são socialmente produzidas e vivenciadas.

Em outras palavras, nosso gênero diz respeito às formas como somos educadas/os, como nos comportamos e agimos, tornando-nos mulheres e homens; refere-se também à forma como estes papéis e modelos, usualmente estereotipados, são internalizados, pensados e reforçados por todas as pessoas.





Homens não nascem prontos, não
nascem violentos, nem saem da
barriga da mãe sedentos de poder...

Fernando Seffner



2.2 Entendendo a história ...

Durante muito tempo, na maior parte das sociedades, predominou a ideia de que as diferenças entre os corpos e as aptidões femininas e masculinas eram naturais e, portanto, inalteráveis. Acreditava-se que a construção da nossa identidade enquanto mulher ou homem se iniciava no momento do nascimento, quando a nós é atribuído um sexo (feminino ou masculino) de acordo com nossos órgãos genitais. Assim, são criadas expectativas sobre como meninas e meninos devem se comportar. Meninas são educadas para atividades domésticas e meninos para serem os provedores. Esse discurso foi utilizado, exaustivamente para justificar a subordinação feminina e as relações desiguais entre mulheres e homens.

O movimento de mulheres e o feminista exigiram uma revisão de valores, normas culturais e processos institucionais, resultando numa crise da ordem de gênero e da sexualidade. A desigualdade entre os gêneros começou a ser questionada,

mostrando que o “jeito de ser homem” e o “jeito de ser mulher” são modelos aprendidos ao longo da vida e que podem se alterar.

Essas diferenças e desigualdades sobre como mulheres e homens devem se comportar são chamadas de representações de gênero e são ensinadas e reforçadas pelos pares, famílias, instituições e comunidades e consequentemente atinge e prejudica mulheres, meninas.

Assim, várias Conferências foram realizadas, Secretarias foram criadas e documentos elaborados em consonância com as diretrizes traçadas pelo Governo Federal para implementação de políticas públicas para o desenvolvimento de uma Educação para a Igualdade de Gênero.

O que dizem os documentos

- ♦ A Constituição Federal, (1988) em seu Art. 3º, define, entre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, “a promoção do bem de todos sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 2016,)
- ♦ Os Parâmetros Curriculares Educacionais (1997) como o primeiro documento orientador da temática de gênero e orientação sexual, e dos fóruns de discussões como instrumento de luta pela igualdade de direitos do acesso à educação pública de qualidade.
- ♦ IV Conferência Mundial sobre a Mulher (1995) promovida pela Organização das Nações Unidas, debateu sobre a incorporação de gênero nas políticas públicas e ganhou maior relevância com a democratização das relações sociais entre homens e mulheres, partindo do entendimento de que estas são relações de poder.

- ◆ Declaração de Dakar (2000), em um documento síntese que se denominou Marco de Ação de Dakar, o Fórum estabeleceu a educação como o “meio indispensável para alcançar a participação efetiva nas sociedades e nas economias do século XXI”, tendo como meta: Eliminar disparidades de gênero na educação primária e secundária até 2005 e alcançar a igualdade de gênero na educação até 2015, com enfoque na garantia ao acesso e o desempenho pleno e equitativo de meninas na educação básica de boa qualidade. (UNESCO, 200, np.)
- ◆ Secretaria de Políticas para Mulheres – SPM, da Presidência da República (2003), a partir dela as políticas de gênero no campo educacional ganharam impulso.
- ◆ O Programa Mulher e Ciência (2005) é uma iniciativa orientada para a paridade e igualdade de gênero e pretende estimular a presença feminina em áreas do conhecimento de tradição masculina.
- ◆ O Programa Mulher e Ciência (2005) é uma iniciativa orientada para a paridade e igualdade de gênero e pretende estimular a presença feminina em áreas do conhecimento de tradição masculina.

- ◆ 1ª, 2ª e 3ª - Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (2004, 2007, 2011), fomentada pela SPM, debateram agendas e elaboraram:

I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM)

II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM)

III Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM)

- ◆ Pacto Nacional pelo Enfrentamento da Violência contra as Mulheres (2007), lançado pela Presidência da República, tem como um de seus objetivos a construção de uma Agenda Social integrada por todos os ministérios da área social, empresas e bancos.

- ◆ Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos (2010), em seu Art. 16, afirmam que “os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos [...] a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos” – e lista sexualidade e gênero entre eles – que devem “permeiar o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo”. (BRASIL, 2013, p.115)

- ♦ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD (2011), foi instituída no Ministério da Educação (MEC) possibilitou o desenvolvimento e a transversalidade de uma política educacional com perspectiva de gênero. Em 2014 com a reestruturação organizacional do MEC, transformou-se em Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão - SECADI.



Lei nº 14.164, 10/6/2021- Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher.



2.3 Dados que justificam a luta por igualdade de gênero até os dias de hoje.

Para entender as reivindicações do movimento das mulheres no Brasil.

1

Violência contra mulher

Divulgado em 2019, o 13^a Anuário Brasileiro de Segurança Pública registrou o maior número de vítimas de violência sexual desde o início do estudo em 2007. A dez estupros, oito foram contra mulheres. A maioria das vítimas (53,8%) foram meninas de até 13 anos. O relatório também registrou um aumento de 4% no número de feminicídio - homicídio contra mulheres pelo fato de serem mulheres - em relação ao ano anterior. Mais de 1200 mulheres foram mortas, quase 90% dos assassinos são ex ou atuais companheiros das vítimas. A violência começa dentro de casa, a pesquisa aponta um registro de violência doméstica a cada dois minutos.



2

Desigualdade salarial

Apesar da queda na desigualdade salarial nos últimos anos, as mulheres brasileiras ainda ganham cerca de 20,5% a menos que os homens. O estudo foi feito pelo IBGE com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) de 2018.



3

Mulheres na política

No Brasil, as mulheres são subrepresentadas na política. Segundo o Mapa Mulheres na Política 2019, um relatório da Organização das Nações Unidas e da União Interparlamentar, o Brasil ocupa a posição 149 de 188 países no ranking representatividade feminina na política. No congresso brasileiro, apenas 15% dos representantes são mulheres.



4

Mulheres negras

Quando é feito um recorte de mulheres negras, a violência e desigualdade de acesso à educação e ao mercado de trabalho se somam ao racismo e ficam ainda maiores. De acordo com o 13^a Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 61% das vítimas de feminicídio são mulheres negras. Nos casos de violência sexual, elas também são maioria das vítimas (50,9%).

No mercado de trabalho, as mulheres negras recebem menos da metade do salário de um homem branco (44,4%) em 2018, segundo o IBGE. A pesquisa também apontou que quanto maior o cargo, menor a presença de pessoas negras na liderança

5

Casamento infantil

O Brasil é quarto país do mundo no ranking de casamento infantil de meninas, atrás apenas da Índia, Bangladesh e Nigéria, de acordo com o estudo “Tirando o véu - Estudo sobre o casamento infantil no Brasil”, de 2019. O país também está entre os cinco países da América Latina e Caribe com a maior incidência de casos. Na região, uma em cada quatro meninas menores de 18 anos se casam. Dos 137.973 casamentos infantis realizados em 2019 no Brasil, violência doméstica a cada dois minutos.



6

Mulheres em cargos de chefia

O machismo e o excesso de tarefas domésticas refletem na dificuldade de ascensão das mulheres no mercado de trabalho. De acordo com o IBGE, elas são minoria em cargos de chefia. Em 2016, a porcentagem de mulheres em cargos gerenciais era de 37,8%.

7

Dupla jornada

Além de ganharem menos, as mulheres trabalham mais dentro de casa por conta da dupla jornada, ou seja, afazeres domésticos e criação dos filhos. Uma pesquisa do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), dos três últimos meses de 2019, apontou que as mulheres gastam 95% a mais de tempo com afazeres domésticos do que os homens.



8

Mulheres na pesquisa acadêmica

Apesar das mulheres serem maioria no Ensino Superior (71,3%), segundo a pesquisa do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de São Paulo (USP) a partir de dados da Academia Brasileira de Ciências (ABC), na área de “Engenharia, Ciências Exatas e da Terra”, apenas 20,08% das bolsistas são mulheres. Nas outras áreas, a diferença é menos significativa. A pesquisa ainda mostrou que conforme o nível das chamadas bolsas de produtividade aumenta, a porcentagem de pesquisadoras mulheres na área de “Engenharia, Ciências Exatas e da Terra” cai para menos de 10%.



2.4 Mulheres que fizeram história

Se a história do feminismo é pouco conhecida, deve-se também ao fato de ser pouco contada.
Constância Lima Duarte

Apresentamos a compilação da história de vida de meninas e mulheres de várias partes do mundo, que de diversas formas lutaram e ainda lutam por uma sociedade livre e igualitária. Ao conhecermos um pouco da história de cada uma delas, percebemos o entrelaçar de seus ideais e convicções ao longo dos séculos.

1. Angela Davis (1944)



Angela Davis é uma militante negra norte-americana de grande reconhecimento e influência nos EUA e no resto do mundo, inclusive no Brasil. Sua luta ganhou destaque nos anos 1970 ao participar do coletivo Panteras Negras (Black Panthers) e do Partido Comunista dos EUA.

2. Betty Friedan (1921-2006)



Betty Naomi Goldstein, mais conhecida como Betty Friedan foi uma importante ativista feminista estado-unidense do século XX. Publicou o livro “The Feminine Mystique” (“A Mística Feminina”), um best-seller que fomentou a segunda

onda do feminismo, abordando o papel da mulher na indústria e na função de dona de casa. É considerada uma das feministas mais influentes do século XX.



3. bell hooks (1952-2021)

Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. hooks publicou mais de trinta obras e numerosos artigos acadêmicos, apareceu em vários filmes e documentários, e participou de várias palestras públicas. bell hooks foi uma das mais importantes intelectuais da atualidade. Desde a década de 1980 até os dias atuais, por meio de uma linguagem acessível,



4. Bertha Lutz (1894-1976)

Bertha Lutz foi uma brasileira, exemplo das mulheres na história do país. Foi figura de destaque no movimento feminista brasileiro. Ela lutou pela conquista do voto feminino no Brasil e pela libertação das mulheres. Além disso, foi cientista e dedicou parte da vida à política.



5. Dandara (?-1694)

Um dos símbolos femininos de maior força para o movimento negro no Brasil é Dandara. Casada com Zumbi dos Palmares, Dandara foi uma guerreira no período colonial do país. Não há muitos registros sobre sua vida e seus feitos. Entretanto, especula-se que ela conhecia as técnicas de capoeira e lutou bravamente para defender o quilombo dos Palmares. Morreu em 1694 ao cometer suicídio, pois não tolerava retornar à condição de escrava.



6. Diomar das Graças Motta (1942)

É professora normalista pelo instituto de Educação em São Luís, diplomou-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas – FGV e Doutora pela Universidade Federal Fluminense – UFF (ambas do Rio de Janeiro), criadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero – GEMGe, onde atua ininterruptamente desde 15 de fevereiro de 2002, impulsionando a

produção de 35 trabalhos de conclusão de Mestrados sobre mulheres, questões raciais e de gênero na educação. Precursora da disciplina acadêmica, Mulheres e relações de gênero na UFMA e Membro honorário e sócio efetivo da Academia Maranhense de Cultura Jurídica, Social e Política, ocupando a cadeira nº 3 patroneada pela Professora e escritora Laura Rosa. Recebeu em 2005 o prêmio Palmas Universitárias e Amigo da UNITI, UNITI pela UFMA; e em 2011 a Medalha da Ordem Nacional do Mérito da então Presidente da República Dilma Rousseff; em 2012 a Medalha Mérito Educacional Professora Anna Maria Saldanha pelo Conselho Estadual de Educação - CEE; e em 2015 o Certificado de Reconhecimento pela Fundação Sausândrade e Mérito do Mestrado pela UFMA.



7. Elizabeth Candy (1815-1902)

Elizabeth Cady Stanton, foi uma feminista, ativista social e abolicionista estadunidense, uma figura líder do movimento pelos direitos das mulheres Seu documento a Declaração de Sentimentos, apresentado na Convenção de Seneca Falls realizada em 1848 é muitas vezes considerado como início da organização e movimento pelos direitos das mulheres. Ela

foi presidente da National Woman Suffrage Association até 1900.

8. Emmeline Pankhurst (1858-1928)



Emmeline Pankhurst nasceu no Reino Unido e foi uma das fundadoras do movimento britânico do sufragismo. O nome da “Sra. Pankhurst”, mais do que qualquer outro, está associado com a luta pelo direito de voto para mulheres de classe média alta, no período imediatamente antes da Primeira Guerra Mundial. Morreu, tendo atingido o maior de seus objetivos: o direito de voto para as mulheres no Reino Unido.

9. Eponina de Oliveira Condurú Serra. (1842-1931)



A maranhense, Eponina Condurú, foi a pioneira no jornalismo local que pelas qualidades dos seus textos teve publicações em periódicos, no interior do estado do Maranhão e outras capitais como Belém (Província do Pará e O Estado do Pará) e São Paulo (Província de São Paulo e O Estado de São Paulo). Na capital maranhense escrevia O País e Jornal do Maranhão. Detentora de um conhecimento

eclético ministrava aulas de geografia, matemática, francês e português. Aquela época se impôs como poetiza, conferencista, contista, crítica literária e jornalista.

10. Frida Kahlo (1907-1954)



A pintora mexicana Frida Kahlo é um ícone feminino da história da arte. Teve uma produção intensa, pintando autorretratos e cenas surrealistas com forte identidade latino-americana. Atualmente, a artista é reconhecida também como um emblema feminista. Isso porque mesmo não se identificando como tal, teve uma postura marcada contra o sistema patriarcal e impôs suas ideias de forma criativa e decidida.

11. Greta Thunberg (2003)



Greta Thunberg é uma jovem ativista sueca que ficou conhecida em 2018 por realizar protestos contra os danos climáticos junto ao parlamento sueco. A partir de então, a garota se tornou uma inspiração e liderança para milhares de estudantes em seu país, que passaram a cobrar medidas de proteção à natureza e fazer manifestações pelo clima. Greta ganhou projeção internacional e foi

indicada duas vezes ao Prêmio Nobel da Paz, em 2019 e 2020.

12. Joan Scott (1941)



Joan Wallach Scott é uma historiadora norte americano, que desde a década de 1980 estuda a história das mulheres, a partir da perspectiva de gênero. Entre suas publicações mais notáveis está o artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, publicado em 1986 no *American Historical Review*. Este artigo, “sem dúvida, um dos artigos mais lidos e citados na história da revista”, foi essencial na formação de um campo de história de gênero dentro dos estudos históricos anglo-americanos. O artigo foi traduzido para o português e é referência teórica importante no estabelecimento dos estudos de gênero no Brasil.

13. Kate Millet (1934-2017)



Kate nasceu nos EUA e foi uma militante do feminismo e lutou por causas como o direito ao aborto e os direitos das mulheres no Irã. A obra *Política Sexual* (*Sexual Politics*, no nome original) faz um panorama histórico de séculos de exclusão das mulheres do ponto de vista legal, político e cultural. A obra expressa a esperança



no empoderamento feminino e na libertação das mulheres. Sob o lema “Mulheres do mundo, unam-se!”, Millet cunhou a palavra “sororidade”. É, sem dúvida, uma ideia que inspira, porque longe de permanecer no mero rótulo, procura incentivar, fortalecer como coletivo e visualizar-nos em nossos contextos cotidianos para alcançar a mudança.

14. Laura Rosa (1884-1976)



Professora e poetiza maranhense. Teve uma trajetória de muita singularidade, pela demonstração do seu aprendizado publicamente (no caso, com conferências, publicações em jornais e revistas) O ingresso no mundo literário se dá com o pseudônimo de Violeta do Campo. Entrou na Academia Maranhense de Letras em 1943, sendo a primeira professora a entrar na Academia.

15. Lélia Gonzáles (1935-1994)



Lélia Gonzáles foi uma professora, ativista, pesquisadora e intelectual do movimento negro brasileiro. Contribuiu para a fundação do Instituto de Pesquisas



das Culturas Negras do Rio de Janeiro e do Movimento Negro Unificado. Deixou livros, ensaios e artigos importantes para pensar o feminismo na América Latina.

16. Leolinda Daltro (1859-1935)

A baiana Leolinda Daltro é precursora do feminismo no Brasil no século XIX. Quando teve seu alistamento eleitoral negado, fundou o Partido Republicano Feminino. O objetivo era mobilizar as mulheres pelo direito ao voto. Seu obituário publicado na revista 'Mulher', editada pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, assinala que Leolinda “teve que lutar contra a pior das armas de que se serviam os adversários da mulher: o ridículo”.



17. Lucretia Mott (1793-1880)

Lucretia Mott foi uma americana Quaker, abolicionista, ativista dos direitos das mulheres e reformadora social. Ficou conhecida por ser uma das primeiras ativistas feministas do século XIX ao defender a necessidade de reformar a posição das mulheres na sociedade quando foi proibida de participar na Convenção Mundial contra a



Escravidão em 1840, por de ser mulher.

18. Lucy Stone (1818-1893)



Lucy Stone foi conceituada oradora, sufragista americana, abolicionista, defensora local e promotora dos direitos das mulheres norte-americana. Em 1847, Stone se tornou a primeira mulher de Massachusetts a receber a graduação pela Oberlin College em Ohio nos Estados Unidos, que foi a primeira instituição de ensino superior no país a admitir mulheres e negros. Seu ativismo pelas mulheres conseguiu ganhos reais para os salários das mulheres durante o século XIX.

19. Malala Yousafzai (1997-)



A paquistanesa Malala Yousafzai é uma das mulheres que defendem os direitos das crianças, principalmente, das crianças do sexo feminino. Ela defendeu que as meninas pudessem frequentar escolas em seu país. Por isso, Malala foi perseguida e sofreu um atentado em 2012, quando voltava da escola em um ônibus. Depois de meses em tratamento, Malala se recuperou e criou a Malala Fund, fundação que arrecada verba para destinar à educação de meninas em todo o mundo. Em 2014, foi

homenageada com o Prêmio Nobel da Paz, sendo a mais jovem mulher a receber a honraria.

20. Maria Aragão (1910-1991)

A professora normalista, Maria José Camargo Aragão tornou-se médica pediatra e, posteriormente, militante comunista, cujo marco foi sua participação no comício, em 1945, no Rio de Janeiro, ao lado de Pablo Neruda e Luis Carlos Prestes. Presa, humilhada e torturada, durante os governos militares não perdeu sua obstinação pela luta dos direitos individuais, políticos e sociais da mulher. Foi precursora das campanhas contra o câncer da mulher, no estado do Maranhão, contribuiu clinicando gratuitamente e educando as mulheres sobre o seu corpo e criação de seus filhos. Para complementar seu esforço, criou o Grupo de Mulheres “8 de Março”, em 1982, homenageando o episódio desta data, como sua saída da prisão.



21. Maria da Penha (1945-)

Maria da Penha é uma brasileira nascida no Ceará que teve a vida marcada pela violência doméstica, o que a impulsionou na luta contra o feminicídio e violência a contra a mulher. O caso ganhou repercussão e uma lei com seu nome foi sancionada no Brasil em 2006, a Lei Maria da Penha, importante instrumento de combate à violência doméstica.



22. Maria Firmina dos Reis (1822-1917)

Maria Firmina dos Reis foi uma expoente da cultura maranhense. Seu romance de estreia, *Úrsula*, é considerado a primeira obra do gênero escrita por uma mulher no país. Escritora, poeta e professora, contribuiu com artigos para diversos jornais de sua época e também atuou no campo da música, compondo canções clássicas e populares.



23. Maria Lacerda de Moura (1887-1945)

Maria Lacerda de Moura se definia como intelectual, pacifista e feminista. Na imprensa, escreveu sobre os movimentos em que militou sem deixar de criticá-los: o feminismo, por não acolher mulheres negras e pobres; o comunismo,



por pregar hierarquias excessivas no governo; o anarquismo, por ser tão radical a ponto de não aproveitar boas estratégias de outros sistemas políticos. A descrição poderia ser a de muitas jovens de hoje, mas pertence a uma mulher que viveu no século passado, e que foi uma das primeiras feministas do Brasil.

24. Mary Wollstonecraft (1759-1797)

Mary Wollstonecraft entrou para a história como mãe de Mary Shelley, a célebre autora de *Frankestein*. Mary, produziu registros históricos da Revolução Francesa, publicou comentários políticos que respondiam a pensadores homens, escreveu romances e livros infantis que questionavam a ordem sexual e de gênero, além de defender os direitos das mulheres à educação e à igualdade no casamento. A inglesa Wollstonecraft é celebrada principalmente como uma das fundadoras do feminismo.



25. Michelle Perrot (1928)

Michelle Perrot, é professora emérita de História Contemporânea na Universidade Paris-VII e, a mais ilustre historiadora da vida das mulheres, sendo co-autora de uma monumental História das Mulheres



no Ocidente, de parceria com Georges Duby – obra em cinco volumes, já editada em diversas línguas, incluindo o português.

26. Millicent Fawcett (1847-1929)

Dame Millicent Garrett Fawcett, GBE foi uma ativista feminista, intelectual e política inglesa. Ela também foi líder de sindicato e escritora. É conhecida por sua luta por direitos iguais entre homens e mulheres. Como sufragista, ela era conhecida por sua postura moderada mas era uma ativista empenhada. Ela concentrava mais suas energias na luta para melhorar as oportunidades de acesso das mulheres às instituições de ensino superior e em 1871 cofundou a faculdade Newnham College de Cambridge. Mais tarde, tornou-se presidente da organização conhecida como União Nacional das Sociedades de Sufrágio Feminino.



27. Nísia Floresta (1810-1885)

Dionísia Pinto Lisboa, escritora e intelectual brasileira ficou mais conhecida pelo pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta. Floresta era o nome do sítio onde



nasceu. Augusta homenageava seu segundo companheiro e grande amor. Ela lutou pela educação das mulheres, a abolição da escravidão, a República, os indígenas e a liberdade religiosa.

28. Olympe de Gouges (1748- 1793)

Olympe de Gouges, francesa, autora da Declaração dos Direitos da Mulher, Era uma referência direta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, documento símbolo da Revolução Francesa, mas que pouco dizia sobre os direitos do sexo feminino, foi condenada à morte na guilhotina em plena Revolução Francesa.



29. Rayssa Leal (2008)

Jhulia Rayssa Mendes Leal, mais conhecida como Rayssa Leal, é uma skatista brasileira. Popularmente chamada de “Fadinha do skate”, ganhou esse apelido após ter seu vídeo viralizado na internet aos oito anos de idade, fazendo manobras de skate fantasiada de fada. Atualmente é medalhista de prata nas Olimpíadas de Tóquio.



30. Rosa Mochel (1929-1985)



Rosa Mochel bacharelou-se em Geografia e História, em São Luís, em seguida, matriculou-se na Escola de Agronomia do Pará, tornando-se a primeira mulher maranhense a se formar em engenheira agrônoma. Demonstrou ser uma mulher que enfrentava a igualdade de condições, enquanto profissional no campo da agronomia dando visibilidade à participação da mulher em atividades como agricultura. Além de se ater à literatura, contribuiu com iniciativas sempre direcionadas para a educação com respeito e conservação da flora maranhense, como: Casa de Alice - Um horto, concebido em seu sítio no distrito do Maracanã, com uma variedade de plantas, e aberto a visita pública, sobretudo de crianças e jovens, a fim de que pudessem conhecer um pouco da flora brasileira, em especial, a maranhense e a Festa da Juçara - Celebração que faz parte do calendário de festividades maranhenses, realizada no distrito do Maracanã, entre os meses de outubro e novembro, época de sua safra expressiva. O reconhecimento de suas iniciativas fez com que se tornasse a primeira mulher a ingressar no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.³¹ Simone de Beauvoir (1908-1986).

32. Shulamith Fireston (1945-2012)

Shulamith Firestone foi uma canadense, feminista de segunda onda ou vaga, foi alvo de escárnio ao defender no seu manifesto de 1970 úteros artificiais, mas os seus argumentos sobre a exploração do trabalho reprodutivo mantêm muita relevância hoje. Escritora, publicou vários livros onde defendia o aborto, classificava como aberração da natureza o parto normal e proclamava a liberalidade sexual entre crianças e adultos.



33. Suzanne Monnier Voilquin (1801-1877)

Suzanne era uma feminista francesa, que escreveu e editou *The Tribune des femmes*, o primeiro jornal feminista conhecido da classe trabalhadora (seus editores rejeitaram o uso de sobrenomes, pois subordinava as mulheres a seus pais ou maridos). Suzanne e os outros escritores enfatizaram a necessidade dos direitos das mulheres ao divórcio, educação e trabalho. Suzanne, em particular, enfatizou a necessidade de proteção das mães.



3. AS VOZES DOS SUJEITOS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPAÇO DOMÉSTICO: O OLHAR DE QUEM EDUCA CRIANÇAS

Há alguns anos, quando uma amiga de infância — que cresceu e se tornou uma mulher bondosa, forte e inteligente — me perguntou o que devia fazer para criar sua filha como feminista, minha primeira reação foi pensar que eu não sabia. Parecia uma tarefa imensa. Mas, como eu me manifestara publicamente sobre o feminismo, talvez ela achasse que eu era uma especialista no assunto. Ao longo dos anos, eu havia cuidado de muitos filhos de pessoas próximas, tinha sido baby-sitter e ajudado a criar sobrinhos e sobrinhas. Havia observado muito, ouvido muito e pensado ainda mais. Em resposta ao pedido de minha amiga, resolvi lhe escrever uma carta, na esperança de que fosse algo prático e sincero, e também que servisse como uma espécie de mapa de minhas próprias reflexões feministas. Este livro é uma versão da carta, com algumas pequenas alterações. Agora eu também sou mãe de uma menininha encantadora e percebo como é fácil dar conselhos para os outros criarem seus filhos, sem enfrentar na pele essa realidade tremendamente complexa. Ainda assim, penso que é moralmente urgente termos conversas honestas sobre outras maneiras de criar nossos filhos, na tentativa de preparar um mundo mais justo para mulheres e homens. Minha amiga respondeu dizendo que iria “tentar” seguir minhas sugestões. E, ao relê-las agora como mãe, eu também estou decidida a tentar

(Chimamanda Ngozi Adichie).

Educar crianças para a igualdade de gênero é um processo longo e cheio de muitos desafios a se conquistar. Mas tomarei emprestado a introdução do livro “Para educar crianças feministas”, porque retrata bem sobre o que quero falar, pois como diz Chimamanda, é moralmente urgente criarmos nossos filhos para que tenhamos relações mais igualitárias e um mundo mais justo.

Nesta seção, você terá a oportunidade de conhecer um pouco

do que falam e pensam as mães de alunos/as da escola que foi campo de pesquisa e como se posicionam diante de algumas situações cotidianas na educação de seus filhos/as. Junto às falas das mães, você terá oportunidade de dialogar com as falas de Chimamanda e conhecer um pouco das ideias feministas sobre educar para a igualdade. Essa entrevista foi proposta e realizada por Fabiana Lima que é a Pro-

fessora da UEB Moranguinho.

Importante destacar que esse processo de escuta deve se tornar contínuo no trabalho escolar, pois envolver pais, mães e responsáveis é condição precípua para estabelecermos uma educação que se estenda para além dos muros da escola e alcance de forma parceira quem também é responsável direto por esse processo.

Conhecendo a autora Chimamanda Ngozi Adichie



Chimamanda, nasceu em Enugu, na Nigéria, em 1977. É uma feminista e escritora reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso. É autora dos romances *Meio sol amarelo* (2008)—, *Hibisco roxo* (2011) e *Americanah* (2014), publicados no Brasil pela Companhia das Letras. Sua obra foi traduzida para mais de trinta línguas e apareceu em inúmeros periódicos, como as revistas *New Yorker* e *Granta*. Além destes, a Companhia das Letras publicou no Brasil também seu livro de contos, *No seu pescoço*, e suas conferências do TED: *Sejamos todos feministas*, *Para educar crianças feministas* e *O perigo de uma história única*.



CONHECENDO A PROFESSORA FABIANA RIBEIRO

Graduada em Pedagogia com Pós Graduação em Educação Especial e Inclusiva. Professora da Rede Municipal de Paço do Lumiar.

12 anos de profissão
Casada/Mãe de menino.

Como são divididas as atividades domésticas em sua casa?



Aqui em casa as atividades domésticas não são divididas porque geralmente sou eu que faço.

Maria - mãe de menina
33 anos – dona do lar

Aqui em casa, é.. as atividade domésticas, na verdade é ... a maioria das vezes eu costumo fazer, mas... às vezes eu me sinto ... estou indisposta e ele mesmo se oferece pra fazer , lava a louça, ele varre casa, ele passa o pano no chão, ele lava o banheiro, do jeitinho dele mais eu deixo . é ... até por que quando ele estiver ..um maior eu pretendo ensinar ele a fazer tudo um pouco, até por questão de.. de independência de criar autonomia mesmo.

Elizabeth - mãe de menino
xx anos - Segurança e estudante de pedagogia

Bom, vamos lá... karlinha acabou de fazer 7 anos e o Nicolas tem 5 aninhos e ...E Eles tem tarefas, é... iguais em casa, só é feito o revezamento né, então assim eles enchem os litros, eles lavam a sua própria louça do lanche deles né, a sua colher o seu prato...

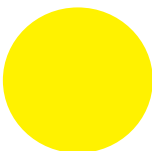
Terminou de comer que deixou cair o grão, cair no chão, eles mesmo juntam então não tem muitas diferença nas atividades domesticas não, eles participam ativamente os dois fazendo exatamente as mesmas coisas, só que com revezamento

Simone - mãe de menina e menino

37 anos – Professora.

Ensine a ela que “papéis de gênero” são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa “porque você é menina”. “Porque você é menina” nunca é razão para nada. Jamais. Lembro que me diziam quando era criança para “varrer direito, como uma menina”. O que significava que varrer tinha a ver com ser mulher. Eu preferiria que tivessem dito apenas para “varrer direito, pois assim vai limpar melhor o chão”. E preferiria que tivessem dito a mesma coisa para os meus irmãos (NGOZI ADICHE, 2017, p.21)..

Em sua casa, os meninos são responsáveis por alguma atividade doméstica? Por que?



Não, por que que não é. não é porque é ... a única..., a única atividade que eu geralmente é.... quero que eles se responsabilizem é, é as atividades mesmo escolar, que eles foquem na escola, entendeu?

Maria - Mãe de Menina
33 anos – Dona do lar



Sim o Nicolas lava as louça, a loucinha dele, no caso dentro da limitações e das dificuldades dele, ele, ele.. ele .. lava pra aprender que tem que lavar mesmo entendeu.
Por exemplo, toma banho lava a cuequinha e a karlinha lava a calcinha então... isso é muito natural aqui dentro de casa.

Simone - mãe de menina e menino
37 anos – Professora.

É ... na verdade.. as atividades que por enquanto que eu a inda dou pra ele, que ele é responsável, é por guardar os brinquedos, organizar o quarto dele, ele arruma o quarto dele, ele arruma da colcha da cama, organiza os brinquedos, e até mesmo ele gosta de fazer, do quarto dele ficar do jeito que ele quer, quando ele arruma ele pede ate pra mim não mexer, e quando ele chega ele vai ver se tava do jeito que ele deixou. Então assim... eu não vejo por que menino, por que o menino não ter alguma a função, até por que é... como eu já falei, é muito bom é... dá essa independência e para crianças e tornar um adulto independente, um adulto autônomo.

Elizabeth - mãe de menino

xx anos - Segurança e estudante de pedagogia

Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade. É muito difícil desaprendê-los, e por isso é importante cuidar para que Chizalum rejeite esses estereótipos desde o começo. Em vez de deixá-la internalizar essas ideias, ensine-lhe autonomia. Diga-lhe que é importante fazer por si mesma e se virar sozinha. Ensine-a a consertar as coisas quando quebram. A gente supõe rápido demais que as meninas não conseguem fazer várias coisas. Deixe-a tentar. Ela pode não conseguir, mas deixe-a tentar (NGOZI ADICHE, 2017, p.28).

Você acha que tem brincadeira de menina e de menino?

Simone - mãe de menina e menino

37 anos – Professora.

Bom. Eu acho Sim! Eu acho sim, que tem brincadeiras que é adequadas pra meninas e tem brincadeira que é mais adequada pra menino, né, mas só por uma questão de .. acho que fica melhor ... tipo tem brincadeiras que são muitooooo pesadas que eu acho pras meninas brincarem, né.

Elizabeth - mãe de menino

xx anos - Segurança e estudante de pedagogia

Eu não acho que existe brincadeira separada, existe brincadeira, as crianças elas não tem.. elas não fazem essa divisão de menino ou menina. Meu filho pelo menos, ele quer uma criança pra brincar independente que seja menino ou menina e ele brinca, brinca.. que eu acredito que brincadeira é .. existe é as brincadeiras e pra eles interagirem um com outro e não existe isso de brincadeira de menino e de menina.

Maria - Mãe de Menina
33 anos – Dona do lar

Eu não acho que tem brincadeira de menina e de menino, pra mim todas as brincadeiras são iguais né... assim tanto pra menina e como pra menino . eu não consigo diferenciar, entendeu ? Por que Afinal de contas todas são crianças então todas tem direito de brincar e.. e.. e... de... aprender uns com os outros, menina com menino é ... é importante até no desenvolvimento deles.

Olhei a seção de brinquedos, também organizada por gênero. Os brinquedos para meninos geralmente são “ativos”, pedindo algum tipo de “ação” — trens, carrinhos —, e os brinquedos para meninas geralmente são “passivos”, sendo a imensa maioria bonecas. Fiquei impressionada com isso. Eu não tinha percebido ainda como a sociedade começa tão cedo a inventar a ideia do que deve ser um menino e do que deve ser uma menina. Eu gostaria que os brinquedos fossem divididos por tipo, não por gênero (NGOZI ADICHE, 2017, p.24-25).

Você acha que menino pode brincar de boneca? Por quê?

Sim! sem nenhum problema, eu acho que sim, sem nenhum problema e... é uma atitude da criança saber lidar futuramente como tratar até as pessoas mesmo .. as mulheres e não ter nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo... de machismo .. assim no meu pensamento né.

Maria - Mãe de Menina
33 anos – Dona do lar

Olha meu filho, ele tem umas primas, e ele as vezes brinca de boneca, ele pega, ele.. a boneca da prima dele passou quase um mês aqui e as vezes ele pegava a boneca e ficava brincando de da aula daquela boneca.. então... ele tava brincando de boneca. .. e eu não vejo .. eu não, eu não ..não boto muito..., eu tenho uma irmã que ela não deixa.. a neta dela brincar com carrinho por que carrinho é de menina mas não, isso nem existe mais .. isso são bobagens, é mais mesmo tabu. Meu filho brinca é ... já brincou de boneca e ele brincava, pegava a boneca da prima dela e ficava dando aula lá no quarto.

não existe isso de brincadeira de menino e de menina.

Elizabeth - mãe de menino
xx anos - Segurança e estudante de pedagogia

Simone - mãe de menina e menino**37 anos – Professora.**

Eu acho, eu não vejo problemas, o Nicolas e a Karlinha brincam muito juntos. E o Nicolas brinca de boneca com ela, só que eu observo como é, né, honestamente eu observo como é a forma que ele brinca com a boneca, então pra mim ele ta apreendendo a ser pai e ser um adulto responsável, quando ele brinca de boneca com a irmã, onde ele é o pai, onde ele ta a ajudando a dar banho na boneca, ele ta ajudando a trocar uma fraldinha, então .. então.. ele ta aprendendo a ser um pai ativo, um pai que participa da educação dos filhos, quando eu vejo ele brincando de boneca com a irmã, por exemplo, mas tudo vai depender da forma como ta sendo brincado, pra mim, entendeu?

E sim a karlinha também brinca de carrinho com ele da mesma forma, ate por que meninas dirigem, mulheres também tem carro enfim, não tenho problemas com isso

Explicando: Qual o tipo de brincadeira, se ele tiver brincando de boneca que eu às vezes eu fico observando pra vê se ele vai brincar dessa forma ou não por que eu não vou gostar que ele brinque assim. É ... por exemplo brincar de maquiagem reproduzindo em si mesmo, entendeu?. .. eu já não.. eu já não... já não permito, já não gosto, que já vejo que é coisa pra menina e não pra menino, entendeu? A Karlinha brinca com as bonecas e brinca de salão de beleza, por exemplo, e as vezes ele ta junto com ela, mas eles geralmente brincam onde ele é o pai e ela é a mãe e quando tem essa brincadeira de salão de beleza, por exemplo, eu não quero que ele reproduza, por exemplo, uma maquiagem em si mesmo, entendeu? por que pra mim isso é coisa de mulher e não de homem.

Outra conhecida, uma americana, me contou uma vez que levou o filho de um ano a um espaço de recreação infantil em que várias mães levavam seus bebês, e percebeu que as mães das meninas eram muito controladoras, sempre dizendo “não pegue isso” ou “pare e seja boazinha”, e que os meninos eram incentivados a explorar mais, não eram tão reprimidos e as mães quase nunca diziam “seja bonzinho”. Sua teoria é que pais e mães inconscientemente começam muito cedo a ensinar às meninas como devem ser, que elas têm mais regras e menos espaço, e os meninos têm mais espaço e menos regras (NGOZI ADICHE, 2017, p.26-27).

Você acha que meninas podem brincar com carrinho? Por que?

Sim!! inclusive eu tenho uma aqui em casa, que é a minha menina especial, ela gosta muito de carrinho ela já não gosta de boneca. então eu não vejo problema nenhum .. eu acho normal que as meninas brinquem com as coisas de menino e meninos com bonecas sem problema nenhum.

Maria - Mãe de Menina
33 anos – Dona do lar

E sim a karlinha também brinca de carrinho com ele da mesma forma, ate por que meninas dirigem, mulheres também tem carro enfim, não tenho problemas com isso.

Simone - mãe de menina e menino
37 anos – Professora

Eu não tenho é ..meu filho ele brinca de carrinho, brinca de boneca e se eu tivesse uma menina, eu deixaria brincar de carrinho, até por que.. é tudo uma brincadeira, são tudo uma descoberta que eles estão fazendo , eles ainda são apenas .. são apenas um são apenas umas crianças então eu não vejo por que proibir uma menina de pegar, de brincar com carrinho ate por que hoje é... a maioria dos brinquedos femininos também já tem carrinho, tem essas coisas até pra acabar com esse tabu que existe. Mas eu não discordo de menina, menino brincar de boneca e menina brincar de carrinho.

Elizabeth- mãe de menino

xx anos - Segurança e estudante de pedagogia

Já contei sobre a vez que fui a um shopping americano com uma menina nigeriana de sete anos e a mãe dela? A menina viu um helicóptero de brinquedo, uma daquelas coisas que voam com controle remoto. Ela ficou fascinada e pediu um. “Não”, disse a mãe. “Você tem suas bonecas.” E a menina respondeu: “Mamãe, é só com boneca que vou brincar?”. Nunca me esqueci daquilo. A intenção da mãe era boa, claro. Era bem versada nas ideias de estereótipos de gênero — meninas brincam com bonecas e meninos brincam com helicópteros. Agora me pergunto, um pouco sonhadora, se a menininha não teria virado uma engenheira revolucionária se tivessem dado a ela a chance de explorar aquele helicóptero (NGOZI ADICHE, 2017, p.25-26).

4. Para pensar a igualdade de gênero na prática educativa:

construir o caminho e acertar os passos

Para se construir um trabalho pedagógico focado numa educação para igualdade de gênero, é preciso pensar nos pressupostos que fundamentam nossa prática educativa como professores/as e até que ponto o nosso olhar sobre o mundo tem proporcionado a nós um caminhar em direção à vivência dessa igualdade.

Portanto, para dar o primeiro passo, passos diferentes ou continuar na caminhada dessa perspectiva epistemológica, vamos propor algumas atividades que, pensadas coletivamente com os/as professores/as que foram sujeitos da pesquisa, agora também se inserem nesse caminho de construir metodologicamente um espaço para a igualdade de gênero no contexto da sala de aula e da prática pedagógica, o que poderíamos melhor definir, no caminho de uma práxis.

Ressaltamos que como parte das atividades que foram elaboradas para este Caderno, são produções dos/as professores/as sujeitos do universo da pesquisa, faremos uma

pequena apresentação desses profissionais nas atividades que produziram.

4.1 Educando o olhar

As propostas de atividades que seguem são organizadas por meio de vídeos selecionados da internet, acessível a qualquer usuário.



ista Divisão do Trabalho Doméstico

ACESSE O VIDEO PELO
QR CODE



<https://www.youtube.com/watch?v=ov0Ar44SuzA>

Nessa primeira proposta, convidamos a professora Giordana, para pensar sobre sua prática e dar um passo adiante!

Conhecendo a Professora Giordana Lima

Graduada em Pedagogia com pós graduação em Gestão e coordenação escolar.

Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Paço do Lumiar.

16 anos de Profissão

Casada/sem filhos.

Informações do Vídeo

Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico é uma animação que faz parte da Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico, uma iniciativa do projeto Pró-Semiárido, executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e apoiada Governo do Estado da Bahia.

O vídeo traz um debate importante sobre a divisão do trabalho doméstico, a dupla jornada de trabalho das mulheres, a invisibilidade do trabalho doméstico realizado pelas mulheres, o trabalho das mulheres do campo. Tudo isso por meio da história de Rosa, uma mulher do campo que se divide entre os afazeres domésticos e o trabalho de cultivo e plantio no campo.

Temas Abordados:

Divisão do trabalho doméstico, a dupla jornada de trabalho das mulheres, a invisibilidade do trabalho doméstico realizado pelas mulheres, o trabalho das mulheres do campo.

Sugestões Didático-Pedagógicas

O/A professor/a apresenta à turma o vídeo e por meio de perguntas o/a professor/a interpreta, com os/as alunos/as, o vídeo.

Após assistir ao vídeo, O/A professor/a associa a história do vídeo com a realidade social e propõe novas questões para o debate em sala de aula.

- 1) Em sua opinião, tinha divisão das tarefas domésticas? Sim ou não. Explique.
- 2) Porque a mulher tinha que fazer todas as tarefas domésticas?
- 3) Quando a mulher percebeu que deveria ter a divisão das

tarefas entre todos da família?

4) E você já fez alguma tarefa doméstica em casa? Qual ou quais?

Escreva abaixo:

5) Você já se recusou a fazer alguma tarefa doméstica em casa? Por quê?

Desafio Vivência na cozinha:

1º Que tal preparar uma receita (pode ser na cozinha da escola ou em um lugar apropriado para a realização da atividade). A receita fica a critério de escolha da professora ou do professor junto

aos alunos/as. Pode-se fazer uma lista de comida que as crianças gostam e escolher uma ou duas;

2º Faça a lista dos ingredientes e exponha em sala;

3º Perguntar às crianças quem faz sua comida em casa;

4º Dialogar sobre a presença predominante da mulher na cozinha. Como as crianças veem isso.

5º No momento da receita, deixar que os meninos participem fazendo algo que, na maioria das vezes, é de prioridade feminina. Ex. lavar a louça, arrumar a mesa.



Vídeo: As profissões



https://www.instagram.com/tv/CWFARpnjUir/?utm_medium=share_sheet



ACESSE O VIDEO PELO
QR CODE

Nessa Proposta, convidamos a professora Késia, para pensar sobre sua prática e contribuir com temas estudados em sala de aula.

*Conhecendo a Professora Késia Batista·
Graduada em Pedagogia com pós graduação
em Gestão Coordenação e Supervisão
Escolar·*

*Professora da Rede Municipal de Paço do
Lumiar·*

10 anos de profissão

Casada/Mãe de menino e menina ·

Informações do Vídeo

O vídeo aborda a experiência em sala de aula em que duas professoras propõem uma atividade em que os/as alunos/as terão que desenhar pessoas que representassem diferentes profissões. Ao final da atividade, é possível perceber como os/as alunos são surpreendidos pelas ideias pré-concebidas que tinham em relação a cada profissão que desenharam.

Temas abordados:

Estereótipo de gênero; sexismo.

Sugestões Didático-Pedagógicas:

1. Encene um teatro de fantoches sobre várias profissões tradicionalmente associadas a mulheres e homens.
2. Fale sobre as profissões e verifique o que sabem sobre elas; colocar questões como: As mulheres podem ser bombeiras? Os homens podem ser educadores-de-infância? As mulheres podem ser padeiras? As mulheres podem ser mecânicas? Os homens podem ser cozinheiros?
3. Solicitar que se coloquem na situação do sexo oposto: Se fosse homem/mulher que profissão gostaria de ter.
4. Elaborar desenhos/fazer uma dramatização sobre o que querem ser quando forem grandes.
5. Questionar se mulheres e homens podem ter a mesma profissão, deixando-os falar livremente sobre o tema.
6. Procurar exemplos que contrariem os estereótipos manifestados.
7. Pode finalizar-se o diálogo explicando que não há profissões só para homens e/ou só para mulheres.

Outras sugestões: Construção de um painel com as profissões que as crianças conhecem. • Entrevista a pessoas que tenham profissões não tradicionais em termos de gênero. • Utilização de uma canção conhecida e/ou criação de uma nova canção com adaptação de letra. • Construção de um móbil com utensílios das profissões. • Recurso à dramatização de profissões com base em contos/histórias sobre profissões.



Informações do Vídeo

Vídeo Vida Maria



https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4



ACESSE O VÍDEO
PELO QR CODE

Nessa Proposta, convidamos o professor Márcio, para pensar sobre sua prática e contribuir com temas estudados em sala de aula.

Conhecendo o Professor Márcio Azevedo:

*Graduado em Pedagogia com pós
graduação em Gestão Educacional
Integradora e graduando em
psicopedagogia Institucional e Clínica.
Professor da Rede Municipal de Paço
do Lumiar.
07 anos de profissão,
Casado/Pai de menina*

Temas abordados:

Trabalho infantil doméstico; analfabetismo; infância.

Orientações Didático-Pedagógicas

1º Proponha o dia do cineminha na escola para exibição do curta Vida Maria;

2º Coloque as crianças num ambiente confortável e comece explorando algumas questões centrais antes da exibição: Vocês acham que toda criança tem direito à escola? Vocês acham que toda criança consegue frequentar a escola? Conhecem alguma criança que não estuda? O que essa criança faz ao invés de estudar? Toda criança tem direito a brincar? Mas toda criança brinca e tem brinquedos? Hoje, nós iremos conhecer a história da Maria, uma criança da idade de vocês, mas que teve uma vida diferente.

4º Após a exibição do curta, discuta com eles/as as questões centrais e pergunte para eles/as o que chamou atenção deles/as, o que conseguiram ver de parecido com alguma situação que viveram;

5º Deixe que falem sobre as necessidades de uma criança, pergunte sobre o que meninas e meninos gostam de fazer para brincar, o que gostam de estudar;

6º Apresente dados na aula de matemática sobre a situação de crianças no Brasil, trabalho infantil, infância etc.

7º Elabore com eles um painel na sala de aula ou em alguma área da escola, onde eles poderão livremente pintar, desenhar, escrever frases, a partir do tema “Toda criança precisa..”

- 8º Proponha a eles/as a criação de uma campanha com o tema “Toda criança precisa...”, onde eles deverão produzir cartazes, memes, postagens, para veiculação no grupo de whatsapp das suas famílias ou nas redes sociais de seus pais, com a ajuda do responsável.
- 9º Finalize a sequência didática, com um dia de socialização do que foi produzido por eles/as.



4.2 Educando a fala e a escuta

O conjunto de atividades selecionadas para este tópico tem como foco o trabalho pedagógico com a literatura infantil, a partir da constituição de duas habilidades importantes para o aprendizado da leitura, a capacidade de escutar e compreender o universo simbólico presente nas histórias e na forma como elas são contadas; e a capacidade de dialogar com esse universo, apresentando suas percepções, seus interesses, suas concepções sobre o texto lido ou ouvido.

Livro - O menino Nito.



Informações do Livro

O livro da autora Sonia Rosa, conta a história do menino Nito, que abria um berreiro por tudo e ninguém aguentava mais tanta choradeira. Um dia seu pai o chamou num canto e veio com aquele discurso: “Você é um rapazinho, já está na hora de parar de chorar à toa. E tem mais: homem que é homem não chora.” Essas palavras martelaram na cabeça do Nito de tal maneira o menino resolver parar de chorar. Definitivamente. Engoliu todas as lágrimas e contabilizou: tantos choros quando cortou o pé, mas tantos choros quando levou aquela injeção e assim por diante. Mas como ninguém é de ferro, caiu na cama doente. E só um médico, o Dr. Aymoré resolveu o seu problema: o menino tinha que desabrochar todas as lágrimas reprimidas, uma a uma. Os pais do Nito trouxeram duas bacias enormes e além do menino, todos naquela casa choraram juntos. De emoção, de alegria e muito alívio.

Temas abordados:

Violência de gênero e masculinidade, estereótipos de gênero

Sugestão Didático-Pedagógica

- 1º Comece fazendo uma roda de conversa com as crianças;
- 2º Pergunte como eles estão se sentindo, se estão felizes, se estão tristes, se estão animados, desanimados;
- 3º Levante alguns questionamentos: “em que situações vocês choram? Tem alguma situação em que vocês quiseram chorar, mas prenderam o choro? Vocês acham que para as meninas é mais fácil chorar? Por que?”

4º Após as respostas, convide a todos/as a ouvirem a história que vocês irá contar, iniciando pela apresentação do título, autora e ilustrações.

5º Após contar a história, peça que eles/as falem do que acharam, que opiniões levantam sobre a história e se já se sentiram como o Nito;

6º Proponha uma atividade por meio da produção de um jogo em que você levará um cartaz para afixar na parede e eles deverão preencher o quadro que está no cartaz, conforme ilustração abaixo:

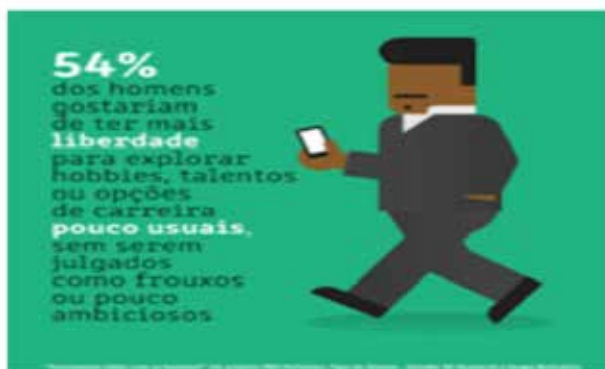
MENINAS NÃO PODEM	MENINOS NÃO PODEM
MENINOS E MENINAS PODEM	

6º Você chamará cada um pelo nome e pedirá que eles/as pensem em situações do cotidiano onde eles/as ouvem de outras pessoas coisas que meninos não podem fazer e coisas que meninas não podem fazer. Em seguida, você pedirá que eles/as dêem a opinião deles sobre tudo que eles/as ouvem e vivenciam e digam o que meninos e meninas podem fazer, independente de serem menino ou menina;

7º Finalize a atividade, pedindo que cada um escolha do quadro coisas que meninos e meninas podem fazer e re-

representem por meio de um desenho que será afixado a parede ao lado do quadro.

“VOCÊ SABIA?”



Livro - Frida Kahlo - Coleção antiprincesas.**Informações do Livro**

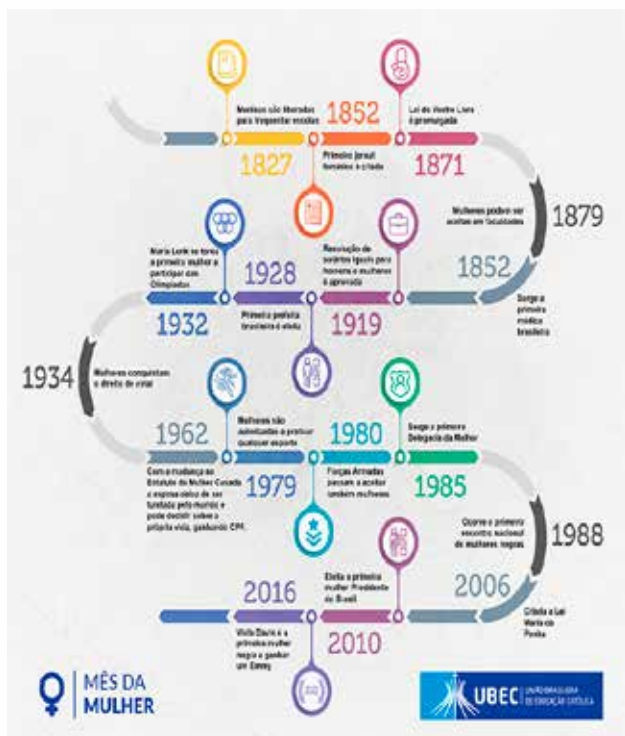
A coleção antiprincesas vem para instigar crianças através de mulheres inspiradoras. Elas não esperaram pelo príncipe encantado e resolveram viver felizes para sempre, mas sim lutaram pelo coletivo, usando a sua vida, suas tristezas, sua arte e alegria para ajudar a mudar o mundo. Nesta obra a pintora mexicana Frida Kahlo que rompeu que confrontou em seu modo de vida e em sua obra os padrões de gênero da época em que viveu.

Temas abordados:

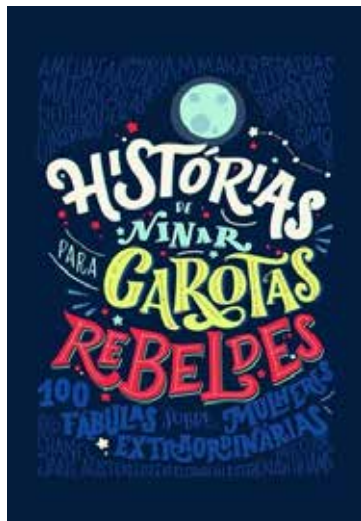
Superação, estereótipos de beleza, papéis sociais femininos.

Sugestão Didático-Pedagógica no próprio livro.

VOCÊ SABIA?



Livro Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes



Informações sobre o Livro

O Livro reúne 100 histórias sobre a vida de mulheres extraordinárias do passado e do presente para inspirar crianças e pré-adolescentes a alcançarem seus objetivos. Mesmo com audácia das suas aventuras e da extensão da sua genialidade, elas foram constantemente menosprezadas, esquecidas e, em alguns casos, quase excluídas da história. Em Histórias de ninar para garotas rebeldes, tudo o que podemos sentir é esperança e entusiasmo pelo mundo que estamos construindo. Um mundo onde gênero não defina quão alto você pode sonhar nem quão longe você pode ir.

Crédito: V&R Editoras/Divulgação

Temas abordados:

Empoderamento, carreiras, diversidade cultural.

Sugestão Didático-Pedagógica

1º Comece fazendo uma roda de conversa com as crianças e apresente o Livro Histórias de Ninar Para Garotas Rebeldes;

2º Escolha 4 garotas para ouvirem suas histórias. Em cada semana será apresentada uma garota destacando seu nome e sobrenome, e as características da sua Profissão/Título e nacionalidade/país. Explique as profissões/títulos que forem pouco conhecidas, as características dos países (cultura, religião, clima, área territorial, regime político, idioma etc..)

3º Ao fim da apresentação de todas as garotas, faremos um caça palavras com fichas (modelo abaixo), para que os alunos possam identificar qual personagem estamos nos referindo a partir das pistas que daremos. O Professor fará a chamada das características ou letras que compõem cada categoria por rodada.

1. Rodada.

Dica 1. O nome da personagem tem a letra final “A”.

Dica 2. O sobrenome da nossa personagem tem a letra final “l”.

Dica 3. Trabalha de modo ativo, eficiente, na prática por uma causa.

Dica 4. A língua oficial do país é o inglês.

2º . Rodada.

Dica 1. O nome da personagem também tem a letra inicial “A”.

Dica 2. A quarta letra do sobrenome da nossa personagem é “S”

Dica 3. Pode ser ambiental...

Dica 4. O nome do país tem a letra inicial “P”.

Faça rodadas até que o aluno consiga identificar qual a personagem estamos falando a partir de suas características.

NOME (5 LETRAS)	SOBRENOME (9 LETRAS)	PROFISSÃO/TÍTULO (5 LETRAS)	PAIS (6 LETRAS)
MALALA	YOUSAFZAI	ATIVISTA	PAQUISTÃO
NOME (x LETRAS)	SOBRENOME (x LETRAS)	PROFISSÃO/TÍTULO (x LETRAS)	PAIS (x LETRAS)



OS BRINQUEDOS “DE MENINAS” AFASTAM AS MULHERES DA CIÊNCIA?

BRINQUEDOS NÃO SERVEM SO PARA DIVERSÃO NA INFÂNCIA, TAMBÉM PERMITEM O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E, MUITAS VEZES, REFORÇAM ESTEREÓTIPOS.



VÁRIOS ESTUDOS DEMONSTRAM QUE OS BRINQUEDOS “DE MENINAS” PODEM INFLUENCIAR A MULHER EM SUA PERCEPÇÃO LABORAL DO MUNDO E EM SUAS CAPACIDADES.

 - DEZEA - MATERNIDADE	 - SOLUÇÃO DE PROBLEMAS - ENGENHARIA
---	---



ESTE EFEITO É VISTO REFLETIDO A LONGO PRAZO: SO 38% DOS CIENTISTAS NO MUNDO SÃO MULHERES.

E AINDA QUE OS BRINQUEDOS NÃO SEJAM OS ÚNICOS CULPADOS...

...SÃO UM GRANDE PRIMEIRO PASSO PARA COMEÇARMOS A MUDAR ISSO.



”

4.3 Educando pelo brincar



Cada atividade referente à temática sugerida tem como objetivo envolver a criança, desde cedo, em tarefas domésticas para ajudá-las a desenvolver um conjunto de habilidades que serão úteis para o resto da sua vida. Afinal, independentemente de a criança ser menino ou menina, precisamos saber como cuidar do lugar onde vivemos, bem como, ter a consciência de que como pertencente a uma família, cada um tem uma parcela de contribuição nas tarefas domésticas para que o ambiente do lar seja um local de harmonia e organização, assim como, no ambiente escolar.

Tarefas Domésticas

- **Como as crianças podem ajudar em casa sem a distinção de gênero**

Nessa proposta a professora Giordana pensou nas brincadeiras, no passo dos sapatos ... e Dia da Limpeza, para contribuir com os temas estudados.

- **No passo dos sapatos, sandálias ou chinelos:**



Como fazer: Para esta brincadeira, o professor ou a professora irá dividir a turma em grupos de acordo com a quantidade de alunos. Em seguida, solicitar que as crianças tirem seus sapatos e coloquem no meio da sala. Na contagem até três, os grupos terão um tempo (pode ser 1 minuto) para encontrarem os pares iguais e organizá-los de forma correta. As equipes precisam de atenção, organização e entrosamento para que tudo ocorra bem. Ao final da brincadeira, o mediador irá explicar o motivo desta contextualizando com a organização do seu ambiente familiar

- **Dia da limpeza**



Como fazer?: Separar um dia da semana e explicar que naquele dia as crianças farão a limpeza da sala de aula. Após o recreio, a professora ou o professor pedirá que as crianças observem se a sala está organizada e limpa. Com as devidas respostas, o mediador fará uma lista de tarefas. Ex. meninos (varrer a sala e recolher o lixo); meninas(organizar as cadeiras). Fazer a troca de tarefas quando chegar o “Dia da limpeza”. Questionar as crianças: O que acharam da tarefa? Será que menino pode varrer? E as meninas, tem força para organizar as cadeiras e mesas? Você já fez alguma tarefa doméstica em casa? etc...

• **Um dia de trabalho**

Como fazer: Para esta brincadeira, o professor ou a professora irá fazer várias duplas com meninos e meninas. Peça que eles se apresentem e Explique a brincadeira:

Disponha pela sala várias bolinhas (de duas cores azul e rosa) e mesma quantidade para cada cor. Disponha também 2 duas caixas para cada dupla e explique que o trabalho deles será colocar as bolinhas nas caixa, sendo que uma caixa só poderá ter bolinha azul e a outra só poderá ter bolinha rosa. Deixe que eles se organizem da maneira que preferirem, e observe se eles determinarão quem ficará com cada cor? E se assim, decidirem, quem vai ajudar o outro caso termine antes?

As duplas terão 2 minutos para fazer a separação das bolinhas em cada caixa. Explique que as três duplas que conseguirem se-



parar o maior número de bolas serão as vencedoras e ganharam uma recompensa. (A recompensa poderá ser um saco com bombons sendo que eles terão tamanhos diferentes)

Façam a conferência das bolas de cada dupla e divulgue as duplas vencedoras. Peça que as três duplas fechem os olhos e

entregue para as meninas o saco menor e para os meninos o saco maior. escolha das três duplas faça a entrega do prêmio. Observe a reação deles, quando receberem as recompensas e diga que as meninas receberam os sacos menores por que são meninas. Em seguida faça o seguinte questionamento?

As meninas fizeram o mesmo trabalho dos meninos?

Vocês acham que foi justa a recompensa recebida pela menina e pelo menino? Por que?

Vocês acham que essas diferenças acontecem em nossa sociedade?

Para casa:

Meninas devem fazer a seguinte pesquisa:

Quais as profissões que mais evidenciam essa diferença salarial

Qual o percentual de diferença do salário de mulheres e homens com a mesma formação.

Meninos devem elaborar um modelo de carta solicitando a equidade salarial de homens e mulheres. Fazendo uma justificativa baseado nos dados que as meninas apresentarem.

“ VOCÊ SABIA? ”

ANÚNCIO DE INSCRIÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

37 trimestres de 2019 e de 2020

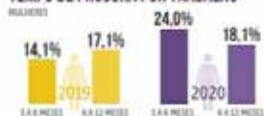
TAXA DE DESOCUPAÇÃO DAS MULHERES



TAXA DE DESOCUPAÇÃO POR COR/RAÇA



TEMPO DE PROCURA POR TRABALHO



INFORMALIDADE EXCETO EMPREGO DOMÉSTICO



REDUÇÃO DO EMPREGO DOMÉSTICO



RENDIMENTO MÉDIO POR HORA



MESMO CARGO, RENDIMENTO MENOR

RENDIMENTO MÉDIO REAL POR HORA DE DIRETORES E SUBORDINADOS



MESMO COM ENSINO SUPERIOR, ELAS SEGUEM GANHANDO MENOS



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) - 2019 e 2020

4.4 Educando com Dinâmicas e interações

Educar é preencher a vida de sentidos, portanto, é na mobilização de todos os sentidos que os/as alunos/as poderão fazer uso de suas capacidades para melhor compreender o mundo simbólico e material que as rodeia, por meio de um processo de internalização, para que possam interagir nele e ressignificá-lo.

A ação é condição para o aprendizado, por isso, as propostas que seguem tem o intuito de construir metodologicamente atividades que integrem o agir dos/das alunos/as, de forma dinâmica e protagonista, num sentido sistematizado e orgânico.

Dinâmica 1: Aja como Homem

Objetivos

1. Identificar diferenças entre as regras de comportamento para homens e mulheres
2. Entender como essas regras de gênero afetam a vida de homens e mulheres

Grau de instrução: Qualquer nível;

Recursos: Baixos.

Tempo: 45-60 minutos

Materiais

- Flipchart • Marcadores • Fita adesiva • Folha de Recursos
- 2: Exemplos de Tabelas para a Atividade “Aja como Homem”

Notas para o facilitador Esta atividade é uma boa forma de entender a ideia de normas de gênero. Mas lembre-se que essas normas de gênero também podem ser afetadas por classe, raça, etnia e outras diferenças.

Também vale lembrar que as normas de gênero estão a mudar

em muitos países. Em alguns lugares, homens e mulheres estão a ter mais facilidade de se enquadrar fora do “modelo” pré-estabelecido de comportamento. Se houver tempo, discuta com o grupo os fatores que facilitam essa mudança de comportamento por parte de homens e mulheres em alguns lugares.

Passos

1. Pergunte aos participantes do sexo masculino, se alguma vez na vida alguém já lhes disse para “agir como um homem”. Peça-lhes para compartilhar experiências de alguém lhes dizendo essa frase ou algo semelhante. Pergunte: Por que você acha que isso lhe foi dito? Como você se sentiu ao ouvir isso?
2. Agora pergunte às participantes do sexo feminino se alguma vez na vida alguém já lhes disse para “agir como uma mulher”. Peça-lhes para compartilhar experiências de alguém lhes dizendo essa frase ou algo semelhante. Pergunte: Por que você acha que isso lhe foi dito? Como você se sentiu ao ouvir isso?
3. Diga aos participantes que você gostaria de analisar essas duas frases com mais profundidade. Explique que ao refletir sobre essas frases, podemos começar a entender como a sociedade cria regras bem diferenciadas para o comportamento que esperam dos homens em comparação àquele que esperam das mulheres. Explique que essas regras também são chamadas de “normas de gênero”. Isso porque elas ditam o que é “normal” para homens pensarem, sentirem e agirem, bem como o que é “normal” para mulheres. Explique que essas regras restringem/limitam a vida tanto de homens quanto de mulheres. Elas tentam manter os homens dentro de uma caixa com o rótulo “Aja como homem” e as mulheres numa outra caixa com o rótulo “Aja como mulher”.
4. Em letras grandes, escreva numa folha do flipchart a frase: “Aja como homem”. Pergunte aos participantes o que se espera dos homens nas suas comunidades em relação ao seu comportamento. Escreva essas mensagens na folha de papel. Verifique os exemplos para ver os tipos de mensagens que costumam ser listadas.

Acrescente algumas que não tenham sido mencionadas durante a discussão.

5. Quando o grupo não tiver mais nada a acrescentar, faça as perguntas abaixo para incitar à discussão.

Quais dessas mensagens podem ser potencialmente nocivas/prejudiciais? Porquê? (desenhe uma estrela ao lado de cada mensagem e discuta cada uma individualmente)

Como a pressão para se enquadrar na “caixa” ou no “modelo” pode afetar a vida de homens e daqueles que os rodeiam?

O que acontece com homens que tentam não seguir as regras de gênero? (ex. “não se enquadrar no modelo”)? O que as pessoas dizem sobre eles? Como são tratados?

6. Escreva em outra folha do flipchart a frase “Aja como mulher”. Pergunte aos participantes o que se espera das mulheres nas suas comunidades em relação ao seu comportamento. Escreva essas mensagens na folha de papel. Verifique os exemplos para

ver os tipos de mensagens que costumam ser listadas. Acrescente algumas que não tenham sido mencionadas durante a discussão.

7. Quando o grupo não tiver mais nada a acrescentar, faça as perguntas abaixo para incitar à discussão.

Quais dessas mensagens podem ser potencialmente nocivas/prejudiciais? Porquê? (desenhe uma estrela ao lado de cada mensagem e discuta cada uma individualmente)

Como a pressão para se enquadrar na “caixa” ou no “modelo” pode afetar a vida de mulheres e daqueles que as rodeiam?

O que acontece com homens que tentam não seguir as regras de gênero? O que as pessoas dizem sobre elas? Como são tratadas?

8. Depois, desenhe uma tabela que tenha uma coluna para os homens e outra para as mulheres. Escreva acima “Homens/Mulheres Transformados”. Peça aos participantes para listarem características de homens

que “não se enquadram no modelo/na caixa”. Anote suas respostas. Depois que você tiver de 7 a 9 respostas, faça a mesma pergunta sobre mulheres que “não se enquadram no modelo/caixa”. Ajude os participantes a reconhecerem que, no final das contas, que as características de equidade de gênero entre homens e mulheres são de fato semelhantes.

9. Faça as seguintes perguntas aos participantes:

- ▶ Nossas percepções sobre os papéis de homens e mulheres são afetadas pelo que nossa família e amigos pensam? Como?
- ▶ A mídia exerce alguma influência sobre as normas de gênero? De que forma? Como a mídia retrata as mulheres? Como a mídia retrata os homens?
- ▶ Como vocês, na vossa vida, podem desafiar expectativas diferentes de comportamento masculinos? E como vocês podem desafiar

as expectativas diferentes de comportamento femininos.

Encerramento

No decurso da vida, homens e mulheres recebem mensagens da família, da mídia e da sociedade sobre como devem agir na qualidade de homens e como devem se relacionar com mulheres e outros homens. Como vimos, muitas dessas diferenças são construídas pela sociedade e não fazem parte da nossa natureza ou da nossa formação biológica. Muitas dessas expectativas são perfeitamente razoáveis e ajudam-nos a desfrutar das nossas identidades, tanto como homens quanto como mulheres. Porém, todos nós temos a capacidade de identificar mensagens nocivas/prejudiciais e o direito de impedir que elas limitem nosso potencial pleno como seres humanos. À medida que nos tornamos mais conscientes de certos estereótipos de gênero e como eles podem ter um impacto negativo nas nossas vidas e comunidades, podemos refletir de forma construtiva sobre como desafiá-los e promover relações e papéis de gênero mais positivos

nas nossas vidas e comunidades. Portanto, estamos todos livres para criarmos nossas próprias “caixas” ou “modelos” de gênero, de acordo com a maneira que escolhemos viver as nossas vidas como homens e mulheres.

Dinâmica 2: Ainda Bem que Sou...Se Eu Fosse...

Objetivos

1. Desenvolver uma melhor compreensão dos aspectos agradáveis e difíceis de ser homem ou mulher

Grau de Instrução: Qualquer nível;

Recursos: Médios

Tempo: 60 minutos

Materiais

- Flipchart
- Marcadores
- Fita adesiva

Passos

1. Separe os participantes em grupos do mesmo sexo de no máximo 8 pessoas. Se todos os participantes forem homens, divida-os em pequenos grupos. Diga-lhes para escolherem uma

pessoa que será o redator do grupo.

2. Dê a cada grupo uma folha do flipchart e um pincel atômico. Peça aos participantes que completem as frases abaixo com o maior número de complementos possível:

- Grupo masculino: Sou feliz por ser homem porque...
- Grupo feminino: Sou feliz por ser mulher porque... (Se o grupo for todo de homens, ignore esta segunda questão.)

Dê um exemplo de cada um para ajudar os grupos a começar. Dê 15 minutos para essa parte da atividade.

Observação:

Certifique-se de que as repostas dos participantes sejam aspectos positivos de seu gênero e não respostas que se concentram em não ter as experiências que o outro gênero tem. Por exemplo, em vez de os homens no grupo fazerem frases como “Sou feliz por ser homem porque não fico menstruado,” eles poderiam se concentrar em fazer frases do tipo “Sou feliz por ser homem porque sou forte.”

3. Dê aos grupos outra folha do flipchart e peça a eles que, em 15 minutos, completem as frases abaixo com o maior número possível de complementos:

- Grupo masculino: Se eu fosse mulher, eu poderia...
- Grupo masculino: Se eu fosse homem, eu poderia...(Se o grupo for todo de homens, ignore esta segunda questão.)
- Grupo masculino: Eu invejo as mulheres porque....
- Grupo masculino: Eu invejo os homens porque...(Se o grupo for todo de homens, ignore esta segunda questão.)

4. Cole com fita adesiva as folhas na parede e discuta as respostas fazendo as seguintes perguntas:

Perguntas para um grupo misto:

Algumas das respostas foram iguais para os dois sexos?

Foi mais fácil para os homens ou para as mulheres encontrar razões de serem felizes de ter o sexo que têm? Por que vocês acham que isso acontece?

Como o primeiro conjunto de respostas de um sexo se compara ao segundo conjunto de respostas do outro sexo? (Os itens listados pelas mulheres, que as deixam felizes por serem mulheres, coincidem com a lista dos homens sobre as coisas que eles poderiam fazer se fossem mulheres?)

Perguntas para um grupo só de homens: Como vocês acham que as mulheres completariam esta frase, “Sou feliz por ser mulher porque...”

Como vocês acham que uma mulher completaria esta frase, “Se eu fosse homem, eu poderia...”

Seria mais fácil para os homens do que para as mulheres encontrar razões de serem felizes por terem o sexo que têm? Por quê?

5. Depois, para ambos os tipos de grupo, faça as perguntas abaixo:

- ▶ O que é mais difícil ou desafiador ao se discutir as vantagens de ser de outro sexo?
- ▶ Alguma resposta é estereotipada? Quais delas? Por que esses

estereótipos existem? São justos?

- O que mais vocês aprenderam desta atividade?

Encerramento:

Há grandes diferenças nos gêneros, que afetam a nossa convivência, bem como a nossa saúde sexual e reprodutiva. Essas diferenças devem ser discutidas e celebradas, em vez de debatidas ou desafiadas. Nenhum gênero é melhor do que o outro. Essas diferenças estão baseadas em nossas experiências e a experiência de ninguém pode ser negada. Homens e mulheres deveriam criar espaços seguros para compartilharem essas diferenças e ajudar um ao outro a se entenderem. Tal entendimento levará a relacionamentos mais saudáveis e resultados de melhor saúde para os indivíduos, famílias e comunidade.

Dinâmica 3 - Roda de Conversa sobre o Gênero

Objetivos

1. Compartilhar experiências relacionadas às questões de gênero
2. Desenvolver uma melhor compreensão e empatia por pessoas

de outro sexo

Grau de Instrução:

Qualquer nível;

Recursos:

Médios Tempo 60 minutos

Materiais •

Nenhum

Notas para o facilitador:

Esta atividade funciona melhor com grupos mistos de participantes. No entanto, é possível executá-la com um grupo exclusivamente masculino. Basta dividir os participantes em dois grupos. Peça primeiro que respondam às três perguntas do topo da lista das questões para os homens. Você também pode colocar uma quarta pergunta: “Qual é a parte mais difícil de ser uma mulher em Moçambique?” (Lembre-se de usar o nome do país em que está a conduzir o treinamento, cada vez que um país for mencionado.)

Em seguida, peça ao outro grupo para responder às quatro últimas perguntas da lista das questões para os homens.

Em algumas comunidades (especialmente quando maridos e esposas estão assistindo a

sessão juntos), pode ser difícil para uma mulher exprimir-se verdadeiramente porque têm medo de falar publicamente na frente de seus maridos. Seria talvez mais adequado conduzir estas discussões em separado e alguém tomar notas para depois compartilhar com o grupo de sexo diferente.

Perguntas para as Mulheres

- ▶ Qual é a parte mais difícil de ser uma mulher em seu país?
- ▶ O que vocês gostariam de dizer aos homens para ajudá-los a compreender melhor as mulheres?
- ▶ O que vocês acham que é difícil entender nos homens?
- ▶ Como os homens podem apoiar e estimular a autonomia das mulheres?
- ▶ Quem toma decisões normalmente em sua casa? Se os homens, qual é a sensação de vê-los tomar todas as decisões?
- ▶ O que vocês nunca gostariam de ouvir sobre as mulheres?
- ▶ Que direitos são mais difíceis de conseguir para as mulheres em seu país?
- ▶ Como foi crescer como uma menina em seu país? O que você gosta em ser uma menina? O que você não gosta?
- ▶ O que foi difícil na época da adolescência?
- ▶ Quais são algumas das influências positivas do sexo masculino em sua vida? Porque elas são positivas?
- ▶ Quais são algumas das influências positivas do sexo feminino em sua vida? Porque elas são positivas?
- ▶ Perguntas para Homens
- ▶ Qual é a coisa mais difícil de ser um homem em seu país?
- ▶ O que vocês gostariam de dizer às mulheres para ajudá-las a compreender melhor os homens? O que vocês acham difícil de entender nas mulheres?

- ▶ Como os homens podem apoiar e estimular a autonomia das mulheres?
- ▶ Como foi crescer como menino no seu país? O que você gosta em ser um menino? O que você não gosta? O que foi difícil na época da adolescência?
- ▶ Quais são algumas das influências positivas do sexo masculino em sua vida? Porque são positivas?
- ▶ Quais são algumas das influências positivas do sexo feminino em sua vida? Porque elas são positivas?

Passos

1. Divida os participantes do sexo masculino e feminino.
2. Peça às mulheres para se sentarem em um círculo no meio da sala e os homens para se sentarem em volta do círculo, do lado de fora, olhando para dentro.
3. Comece a discussão perguntando às mulheres as questões listadas nas notas para o facilitador. Os homens devem observar e ouvir o que está sendo dito. Eles não estão autorizados a falar.
4. Após 30 minutos, feche a discussão e homens e mulheres devem trocar de lugar. Conduza uma discussão com os homens, enquanto as mulheres escutam. As perguntas para os homens também estão nas notas para o facilitador.
5. Discuta a atividade depois que ambos os grupos tiverem realizado a discussão. Use as seguintes perguntas:
O que surpreendeu a vocês nessa atividade?
Como é que vocês se sentem ao falar sobre estas coisas com outras pessoas escutando?
O que você aprendeu?

Encerramento: Muitas vezes, as nossas opiniões e perspectivas sobre pessoas de um sexo diferente são formados a partir de

estereótipos e normas sociais de gênero, que são reforçadas ao longo do tempo por diversas fontes, tais como os meios de comunicação ou nossos pares. Isso torna difícil, muitas vezes, nossa compreensão do outro sexo, suas necessidades e preocupações. Ao ter uma melhor compreensão do outro sexo, suas necessidades e experiências, somos capazes de aumentar a empatia sobre sua experiência de gênero e como ela nos afeta.

Nota 2. As dinâmicas apresentadas poderão ser adaptadas de acordo com a finalidade pedagógica e conforme a faixa etária do público alvo.





Saiba Mais...

Confira algumas sugestões aqui

Livros:

- ▶ A pior princesa do mundo, de Anna Kemp e Sara Ogilvie.
- ▶ As Cientistas: 50 Mulheres que mudaram o mundo – Rachek Ignatofsky.
- ▶ Lute como uma princesa: Contos de Fadas para crianças feministas – Vita Murrow.
- ▶ Meu Crespo é de Rainha – bell hooks .
- ▶ Tudo bem ser diferente - Todd Parr.
- ▶ A história do Feminismo – Hannah Mccann.
- ▶ O feminismo é para todo mundo – bell hooks.
- ▶ Dicionário Crítico do Feminismo - Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré e Danièle Senotier. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf
- ▶ Mulheres Anarquistas: O Resgate de uma História Pouco Contada - Mabel Dias e Coletivo Insubmiss@s.
- ▶ Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasil – Duda Porto de Souza, Ariane Cararo.
- ▶ O que é lugar de fala? - Jamila Ribeiro
- ▶ Gênero e Diversidade na escola/curso de formação de professores.
- ▶ Pensamento feminista brasileiro – formação e contexto – Heloisa Buarque de Hollanda.

Artigos:

- ▶
- ▶ Relações de Gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação - Daniela Auad.
- ▶ Uma leitura da história da educação sobre perspectiva de Gênero - Guacira Louro.
- ▶ Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero - Marília Pinto de Carvalho.
- ▶ Gênero: uma categoria útil de análise histórica - Joan Scott.

Documentários:

- ☑ Repense o elegio Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PhLFszSFr3E>
- ☑ The Mask You Live In. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80076159>

Site :

- ✓ Papo de homem - <https://papodehomem.com.br/>
- ✓ Minha pequena grande feminista - <https://www.minhapequenafeminista.com.br/>





Considerações finais

Tem sido um grande desafio para a escola, entender o sentido de trabalhar relações de gênero na perspectiva da igualdade, de modo que proporcione a meninos e meninas vivenciar suas infâncias distantes de padrões sexistas.

Apesar do amparo legal disposto nos documentos que legitimam essa necessidade premente, sua implementação no que tange principalmente a formação de professores/as, ainda é tímida de modo a garantir impactos em suas práticas pedagógicas. Entretanto, acreditamos que é por meio das formações que professores/as podem contribuir significativamente para



inclusão de práticas educativas não sexistas e com a construção de valores, comportamentos e atitudes de igualdade entre meninos e meninas.

Para tanto, é necessário que o/a professor/a seja um docente crítico, reflexivo, e atento às formas que o sexismo pode se revelar no espaço escolar e em sua prática pedagógica. Durante as discussões com os/as colaboradores/as percebemos mudanças em suas atitudes, fruto desse processo reflexivo que se pretender seguir, ao sugerirem a necessidade da inserção da temática Educação para Igualdade de gênero nas formações anuais, como uma ação permanente a serem garantidas no Plano Político Pedagógico - PPP da escola.

Neste sentido, esperamos que este caderno atenda as perspectivas para ação docente dos/as professores/as de modo a ajudá-los/as a desenvolverem uma educação para igualdade de gênero e que outros leitores possam expandir conhecimentos acerca do tema proposto e façam parte deste movimento de construção de uma sociedade que advogue pelo respeito e o convívio harmonioso da diferença e da igualdade.

E num futuro breve, ensejamos que meninos e meninas, possam ter o direito de vivenciarem suas infâncias pautados na igualdade que não os/as inferiorize por suas diferenças e na diferença que não os/as iguale a ponto de descaracterizá-los/las.

Referências

ADICHIER, Chimamanda Ngozi. Para educar Crianças feministas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral.

Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

UNESCO. World Education Forum, Dakar, 2000. Educação para todos: o compromisso de Dakar. Brasília: Ação Educativa, 2000.

SUGESTÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

AS PROFISSÕES, 2021. vídeo (1 min 52 s). Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CWFARpnjUir/?utm_medium=share_sheet.

BRASIL. Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção

da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMPANHA pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico, 2018. 1 vídeo (4 min 24 s). Publicado pelo canal AS-PTA Agricultura familiar e Agroecologia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ov0Ar44SuzA>.

FAVILLI, Elena. Histórias de ninar para garotas rebeldes. São Paulo: VR editora, 2017.

FINK, Nadia. Frida Kahlo para meninas e meninos - Coleção Anti-princesas. Florianópolis: Sur, 2015.

MASCULINIDADE tóxica, violência doméstica e machismo, 2020. 1 vídeo (4 min 32 s). Publicado pelo canal GNT. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uiFjHFeqsM0&t=1s&ab_channel=CanalGNT

ROSA, Sonia. O menino Nito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

VIDA MARIA, 2018. 1 vídeo (8 min 35 s). Publicado pelo canal Vida Maria. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4&ab_channel=VidaMaria.

Sobre a Autora

Letícia Régia Gomes Souza

Mulher e Feminista!

Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Paço do Lumiar

Mestre pelo Programa de Pós- Graduação Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB - UFMA

lattes: <http://lattes.cnpq.br/7489138543353030>



Sobre a Orientadora

Elisângela Santos de Amorim

*Profa. Dra. Adjunta IV da Universidade Federal do
Maranhão - UFMA/ Departamento de Educação - I
e Profa. do Programa de Pós- Graduação Gestão de
Ensino da Educação Básica - PPGEEB
lattes: <http://lattes.cnpq.br/3306324046955974>*



Sobre os Colaboradores



1. *FABIANA RIBEIRO MARTINS*

*Professora da rede municipal de
Paço do Lumiar. Pedagoga com
Especialização em Educação Especial
Inclusiva*



2. *GIORDANA LIMA TEIXEIRA*

*Coordenadora Pedagógica da Rede
municipal de Paço do Lumiar.
Pedagoga com Especialização em
Gestão e Coordenação Escolar*



3. *KÉSIA RAIMUNDA BEZERRA PEREIRA BATISTA*

*Professora da Rede municipal de
Paço do Lumiar
Pedagoga com Especialização em
Coordenação Pedagogia e Gestão
Escolar.*



4. LUZIANE FERREIRA COSTA

Professora da rede municipal de Paço do Lumiar – Gestora Atualmente.

Pedagoga com Especialização em Gestão Escolar, Supervisão e Planejamento Educacional



5. MARCIO AZEVEDO BANDEIRA

Professor da rede municipal de Paço do Lumiar

Pedagogo com Especialização em Gestão Educacional Integradora.



